



Ainda a propósito da Nota de D.Manuel Clemente – o olhar da Teologia do Corpo

Há dias perguntaram-me qual poderia ser o olhar sobre esta nota, em particular sobre a alínea d) do ponto 5, a partir da perspetiva da Teologia do Corpo¹.

Acredito que a partir desta abordagem se podem perspetivar questões que se colocam no coração de muita gente, em especial de quem tenha um genuíno interesse em aprofundar as razões da nota e das propostas da Igreja sobre o significado do amor humano, sobre a vivência da sexualidade no casal e sua abertura à vida.

Sem pretender de todo esgotar o tema, pensei que pudesse ser útil deixar aqui algumas reflexões. Contudo, deixo também como sugestão, para quem tiver curiosidade e interesse em saber mais, a possibilidade de participar num **FORUM WAHOU !** onde é feita uma introdução ao plano de Deus para o amor humano. (informações em www.teologiadocorpo.org)

A título de enquadramento gostava apenas de recordar que o objetivo geral da nota pastoral de D.Manuel Clemente é fomentar a criação de novos caminhos de integração na Igreja (e não necessariamente no acesso aos sacramentos) dos chamados “recasados”. Neste sentido são vários os caminhos expressos nas várias alíneas do ponto 5 e não apenas na alínea d).

Em relação à alínea d) que suscitou tão grande celeuma, distorção de intenções e varias criticas, como se se tratasse de uma nova regra que o nosso Cardeal Patriarca agora tivesse inventado, - *“Quando a validade [do matrimónio] se confirma, não deixar de propor a vida em continência na nova situação”* -, a verdade é que se trata simplesmente das palavras da Igreja desde sempre, bastante bem explicadas por São João Paulo II na Familiaris Consortio e muito bem fundamentadas nas suas catequeses da Teologia do Corpo. Além disso, com estas palavras, D.Manuel Clemente estava citar o Papa Francisco na Amoris Laetitia.

A boa nova de Cristo com palavras que não são novas

Sabemos que o amor implica sempre uma dose de sofrimento e renuncia e paradoxalmente vivemos numa sociedade marcada pelo desejo de bem-estar e de total ausência de sofrimento. Neste contexto as palavras da Igreja, que são as de Cristo, podem parecer uma má notícia, como aliás pareceram até no tempo em que Cristo se pronunciou sobre o casamento. A questão é que, na perspetiva da Boa Nova

¹ A Teologia do Corpo é o conjunto das 129 catequeses proferidas pelo Santo Padre João Paulo II às quartas feiras, entre 1979 e 1984. Foram publicadas em português pela Aletheia e existem vários livros onde são comentadas por teólogos de renome. Ver www.teologiadocorpo.org

anunciada por Cristo, estas palavras apontam um caminho para viver com verdade o significado esponsal do corpo e o plano de amor que Deus tem para a humanidade. Ainda que o caminho seja difícil, nunca deve deixar de ser proposto. A Igreja acredita verdadeiramente que Jesus acompanha as pessoas nas suas dificuldades e por isso tudo se torna possível. Pessoalmente tenho conhecimento de casos concretos em que esta proposta é acolhida e vivida com grandes frutos para os casais envolvidos.

Existe uma incompreensão generalizada pelo facto de a Igreja se pronunciar sobre a vivência da sexualidade dos cristãos. Esta incompreensão é visível em relação ao celibato dos consagrados e também em relação à vivência da sexualidade no contexto do matrimónio, com se tornou bem visível com as reacções levantadas a propósito desta alínea. Diria mesmo que nalguns círculos menos informados existe ainda a ideia de que a Igreja defende que as relações sexuais servem apenas para procriar.

Homem: feito à imagem e semelhança de Deus

Para que fique bem claro qual a ideia de Deus sobre o plano de amor para o homem e para a mulher remeto, como Jesus fez², para as palavras ditas no “princípio”, referindo-se ao primeiro livro da Bíblia (Genesis 1). Nele encontramos estas quatro frases que nos falam da experiência da relação primordial entre Deus e a humanidade:

²⁶—**Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança....»*

²⁷—**Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher.*

²⁸—**Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei e multiplicai-vos... »*

³¹—**Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.*

² «Alguns fariseus, para o experimentarem, aproximaram-se dele e disseram-lhe: ‘É permitido a um homem divorciar-se da sua mulher por qualquer motivo?’ Ele respondeu: ‘Não lestes que o Criador, desde o princípio, fê-los homem e mulher, e disse Por isso, o homem deixará o pai e a mãe e se unirá à sua mulher, e serão os dois um só? Portanto, já não são dois, mas um só. Pois bem, o que Deus uniu, não o separe o homem’. Eles, porém, objetaram: ‘Então, porque é que Moisés preceituou dar carta de divórcio ao repudia-la?’ Respondeu Jesus: ‘Por causa da dureza do vosso coração, Moisés permitiu que repudiásseis as vossas mulheres; mas, no princípio, não foi assim. Ora eu digo-vos: se alguém, repudiar a sua mulher [...] e casar com outra, comete adultério’» (Mt 19, 3-9 cfr. Mc 10, 1-12)



Se o homem é criado à semelhança de Deus, significa que é Livre como Deus, Inteligente como Deus e foi criado para viver como Deus, numa relação de amor e comunhão. O apelo a essa comunhão é visível na própria diferenciação sexual. Ao abençoar o casal com a fertilidade, Deus mostrou que a sexualidade aprofunda e confirma a comunhão de vida entre os esposos ao mesmo tempo que capacita o casal para gerar filhos. Isto revela-nos que a sexualidade é uma coisa boa para Deus. Finalmente, Deus considera esta sua obra muito boa! Portanto, parece que estamos a falar de boas notícias.

Homem: chamado a Amar com Deus

A doutrina da Igreja confirma e valoriza a sexualidade como expressão da entrega da vida de um ao outro, que é feita no contexto do sacramento do matrimónio. Pode-se perguntar, porquê no contexto do matrimónio? Porque é dentro de uma relação estável que os esposos realizam o desejo, tipicamente humano, de comunhão de vida e porque, deste modo, quem gera os filhos é também quem os educa no dia a dia.

A relações sexuais têm assim dois significados – unitivo e procriativo – que são inseparáveis. Servem para o casal construir a comunhão – tornar-se uma só carne – e para colaboraram com Deus na criação, através da abertura à vida.

A contraceção separa os dois significados do ato sexual. Com a contraceção a relação sexual fica vedada à vida e torna-se mais fácil a instrumentalização do outro para benefício próprio. Isto é, sem as duas dimensões unidas, o homem ou a mulher podem ter relações apenas para satisfazer um instinto ou um desejo de prazer, seu ou do outro, para satisfazer um desejo de procriar, ainda que sem amor, para satisfazer um desejo de domínio sobre o outro, etc. Hoje em dia fala-se muito de violência nas relações afetivas e talvez faça sentido olhar a questão a partir desta perspetiva. Ter relações sexuais de qualquer forma em que estas duas dimensões - unitiva e procriativa – estejam separadas, é sempre um gesto incompleto e que não significa o que na verdade deveria significar. A relação sexual diz com o corpo “Eu entrego-me a ti de forma livre, total, fiel e fecunda”. Separando as duas dimensões não se pode dizer isto, sem estar a mentir. Mantendo as duas dimensões unidas, a lógica presente é sempre a de uma entrega de si mesmo ao outro, para a construção da comunhão de vida, que assim se fortalece, e aos filhos que possam nascer. Introduzir lógicas de egoísmo, mesmo que com boa vontade, pode ferir a verdade do amor.

Homem: Inteligente como Deus

Para o exercício da paternidade responsável, que inclui a possibilidade de espaçar o nascimento dos filhos, a Igreja propõe a utilização das formas de observação do corpo da mulher que permitem reconhecer os dias em que é fértil e os dias em que não é. A verdade é que se Deus tivesse na ideia que a relação sexual deveria ser apenas para procriar, não teria feito muito sentido que a mulher tivesse um ciclo de fertilidade/infertilidade tão rico e especial. Alguma coisa isto deve significar e o homem usa da sua inteligência para o conhecer e aprender a viver segundo essa sabedoria, tal como um agricultor sabe conhecer o clima e a terra e usa a sua sabedoria para cultivar a terra e colher os seus frutos. Hoje em dia esta observação é feita com técnicas padronizadas e cientificamente estudadas e permite, muito melhor do que a pilula, conhecer o corpo e assumir responsabilidades. Claro que pede que os dois estejam de acordo e dialoguem, mas isso não tornará as relações sexuais muito mais profundas e menos sujeitas ao domínio do instinto?

Homem: Livre como Deus

A Igreja propõe, certa de que a sua proposta é um valioso instrumento para o bem dos seus fieis. Por muito que, hoje em dia, se entenda a castidade e em particular a continência como conceitos antiquados e impossíveis de praticar, a verdade é que para os casais a viver numa situação irregular (a expressão irregular vem da Familiaris Consortio), acolher esta proposta é de grande ajuda na continuação do seu percurso na Igreja.

Falei antes da Inteligência e da Forma de Amar. Falo agora da outra característica do homem que o torna semelhante a Deus e que é a Liberdade. Tal como Cristo, a Igreja propõe. E para acolher, na sua vida, esta proposta é muitas vezes necessário estudá-la, analisá-la e acima de tudo fazer um caminho de amizade com Jesus. Quando confiamos na bondade de Deus confiamos na bondade da proposta. Se não confiamos, tendemos a desconfiar da proposta e a pensar que seria melhor se fôssemos nós o nosso deus. Mas o acolhimento da proposta da Igreja só é verdadeiro se for feito com liberdade e como uma resposta do homem ao amor de Deus. E para isso é que se torna muitas vezes indispensável um percurso, acompanhado, de discernimento. Viver esta proposta contem, logo à partida, a grande ajuda que é permitir ao casal continuar a receber Jesus nos sacramentos e isso é a sua principal fonte de ajuda para lidar com as dificuldades da vida. Por outro lado, a pratica da virtude da castidade, que neste caso seria concretizada na continência, é aquilo que permite ao homem recuperar a possibilidade de confiar em Deus. Sabemos que o que está na origem da rutura entre o homem e Deus é a desconfiança. A pratica das virtudes é o instrumento que o homem tem para recuperar a harmonia perdida nessa rutura.

Dito de outra forma, viver a continência é dizer “eu não estou devidamente capacitado/a por Deus para te amar como esposo/esposa, mas posso e quero ser para ti e para os filhos (se os houver) amparo e companhia, enquanto Deus o quiser” Viver assim, é colocar-se nas mãos de Deus, é deixar tudo para seguir Jesus como Ele propôs ao jovem rico³. E quando as pessoas casam pela Igreja deveriam estar cientes de que a vida entregue não pode ser recuperada para voltar a dar.

No entanto, tal como aconteceu com o jovem rico com quem Jesus falava, nem toda a gente o quer fazer. E ninguém ouviu Jesus a agredir o jovem rico ou a condená-lo. Pelo contrário, no relato de Marcos vemos que, prevendo a sua resistência, o olhou com afeição. E sabemos que, perante os comentários de perplexidade de quem o acompanhava, devido à aparente dureza da situação, quando lhe perguntaram «*Quem pode, então, salvar-se?*» Fitando neles o olhar, Jesus disse-lhes: «*Aos homens é impossível, mas a Deus não; pois a Deus tudo é possível.*»

Em resumo, todas estas questões têm a ver com a relação das pessoas com Deus e é natural que, não existindo essa relação, ou não havendo esse percurso de encontro e amizade com Jesus, seja mais difícil de entender e até seja considerado impossível de viver.

O que o Papa Francisco propõe, e o nosso Cardeal Patriarca reforça, é a hipótese de fazer um caminho a partir do ponto em que cada pessoa ou casal se encontre, que seja uma possibilidade de entrar na amizade com Jesus.

³ Quando se punha a caminho, alguém correu para Ele e ajoelhou-se, perguntando: «Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?» Jesus disse: «Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão um só: Deus. Sabes os mandamentos: *Não mates, não cometas adultério, não roubes, não levantes falso testemunho, não defraudes, honra teu pai e tua mãe.*» Ele respondeu: «Mestre, tenho cumprido tudo isso desde a minha juventude.» Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele e disse: «Falta-te apenas uma coisa: vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me.» Mas, ao ouvir tais palavras, ficou de semblante anuviado e retirou-se pesaroso, pois tinha muitos bens. Olhando em volta, Jesus disse aos discípulos: «Quão difícil é entrarem no Reino de Deus os que têm riquezas!» Os discípulos ficaram espantados com as suas palavras. Mas Jesus prosseguiu: «Filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus.»²⁶ Eles admiraram-se ainda mais e diziam uns aos outros: «Quem pode, então, salvar-se?» Fitando neles o olhar, Jesus disse-lhes: «Aos homens é impossível, mas a Deus não; pois a Deus tudo é possível.» (Mc 10, 17-27 cfr. Lc 18, 26-27 e Mt 19, 16-26)



Maria José Vilaça

CERTA – Centro de Estudos e Recursos Teologia do Amor